

Entre fendas e junções: a psicanalista como escritora

Patricia Cabianca Gazire, Brasil

Introdução

Nesse momento pós-pandemia da Covid-19, recolhemos os cacos daquilo que sobrou após meses de isolamento, de encontros virtuais e aulas à distância, de adoecimento e perdas de pessoas próximas. As mudanças são irreversíveis: hábitos, a relação com o corpo, com o sexo, com as pessoas. Os atendimentos também se modificaram. Presenciais? On-line? Híbridos?

Na virada dos anos 1920, diante da experiência da morte, imerso nos restos do pós-guerra e temendo a ascensão do nazismo, Freud se perguntou que psicanálise faria a partir de então. Isso culminou com a observação dos sonhos traumáticos, com a teorização da pulsão de morte, com as mudanças na teoria da libido, na concepção do aparelho psíquico e em acréscimos à técnica psicanalítica.

Mais de cem anos depois, imersa em uma atmosfera de morte, traumas, e testemunhando a ascensão de governos totalitários na América Latina e ao redor do mundo, repito a pergunta: Qual a psicanálise que queremos? Como transmiti-la na Universidade? Como escrevê-la?

Contexto

Um ano antes, 2021, em meio à pandemia do coronavírus, encontrava-me semanalmente, de forma on-line, com os residentes de psiquiatria do primeiro ano, em seminários teórico-clínicos de psicanálise. Persistia em minha função – como psicanalista e professora em um Departamento de Psiquiatria – de transmitir a psicanálise em uma Escola Médica dentro da Universidade Federal de São Paulo.

O trabalho de emergência psiquiátrica presencial era realizado por esse pequeno grupo de jovens médicos em formação psiquiátrica dentro de um Centro de Saúde vazio. Os demais técnicos em saúde mental estavam confinados. Não havia encontros no hall para o cafezinho. Não havia conversas fortuitas de corredor tão importantes para trocar impressões, dar vazão a sentimentos represados, fazer circular afetos e palavras.

A sobrecarga emocional e os trasbordamentos afetivos revelavam intenso sofrimento naquele grupo de residentes. Somaram-se a isso as dificuldades de relacionamento e a morte de um ex-colega por ingestão excessiva de medicamentos – suicídio? Pairava a dúvida.

O medo se espalhou. Decidi retomar os seminários de maneira presencial. Percebi que naquele grupo havia “fendas”. O grupo formulou, então, o pedido de acolhimento: eles gostariam de marcar encontros presenciais para conversas. Queriam nomear e compreender essas “fendas”?

Em um primeiro momento, sim. Entretanto, desde o primeiro encontro, percebi que a demanda grupal não era a de conversar sobre as “fendas” (o sofrimento, a angústia), mas ter uma experiência de “estar junto”, todos juntos, para viver trocas afetivas prazerosas permeadas de humor.

“– Se for para falar de coisas ruins, eu não vou!”, disse, bravo, um residente com o qual os demais faziam coro.

As “fendas” podem ser pensadas aqui como momentos de suspensão no tempo, justamente marcadas pelos pontos em que se vincula desejo e destruição. São retornos às situações de desamparo, de violência interna e externa, são pontos de angústia irreduzível. E justamente nas “fendas” é onde pode nascer algo, o novo, a transformação.

André Green sustenta que o trabalho psíquico precisa constantemente de investimentos e desinvestimentos. As pulsões eróticas têm papel preponderante na transformação e criação do objeto. Elas aparecem nas fendas, nos buracos, nas rachaduras, lá onde ninguém mais achava que ia aparecer alguma coisa. O investimento é portador de sentidos, o desinvestimento é a manifestação da pulsão de morte que remete ao silêncio, aos espaços vazios, ao repouso das moléculas vivas, à tendência zero de estímulo, tudo isso tão essencial ao surgimento da vida.

José Miguel Wisnik, em seu texto sobre a Semana de Arte Moderna ocorrida em 1922 no Teatro Municipal, em São Paulo, cita e comenta o poema final do livro “Pauliceia Desvairada” de Mário de Andrade.

Cito-o:

“Com os pés nas fendas, no fundo do vale, assumindo a própria desafinação e a falta de ensaios, os jovens médicos* cantam uma espécie de “hino à alegria” tropical levantando um clamor erótico no sentido mais amplo da palavra – o de Eros como expressão fusional da existência, afirmando a multiplicidade polimorfa do desejo contra o paredão conservador, refratário às linhas mutáveis da vida.” (Wisnik, Folha de SP, 2022).

O Encontro

No primeiro encontro, Bruno está com o braço engessado. Logo, um colega brinca: é tanta libido que a necessidade de descarga (referindo-se à masturbação) quebrou-lhe a mão. Bruno explica que caíra de bicicleta durante um passeio no fim-de-semana. O tombo custou-lhe a fratura no antebraço.

Em seguida, a explicação veio dos colegas: no passeio, Bruno dava carona para uma moça na bicicleta. Caíram. Bruno quebrou a mão. A moça sumiu.

Eu digo: “Bruno, você não me disse que essa história do tombo era uma história de amor!!!”

O Conto

Chego em casa e escrevo o conto a seguir.

“Bruno e a bicicleta: uma história de amor e tombo

Bruno tinha uma bicicleta. Ele era parrudo, moreninho. Ela, amarela, magra, bastante rodada. Tinha arranhões e algum molejo, ia balangando, parecia que sambava. Longe de Bruno a ideia de trocá-la. A cada dia, ao acordar, ela estava ali, inteira, esperando por ele para mais um dia. A trilha vinha em seguida.

De manhã, ele tomava Nescau; à noite, matava um prato de sopa. Entre a manhã e a noite, montava na bicicleta e saía. Dobrava à esquerda e pegava uma estradinha que começava plana e depois descia. No caminho, margeava um córrego nada profundo, de leito pedregoso, que desembocava num curso d’água, pela encosta, mais abaixo. Bruno saltava um rochedo, corria, desviava, passava por baixo da ponte. Pedalava. Nessas horas, os joelhos tremiam, nada grave. O chão parecia azul pelas flores do ipê-roxo

* Acréscimo da autora.

De um certo ponto, sempre à mesma hora, Bruno avistava seu destino: o cume de uma montanha alta, de acesso difícil, por uma via íngreme. Tomava, então, impulso na bicicleta e subia pedalando rápido, suando, equilibrando. Ofegante, passava por vilas, casinhas, sítios. Encontrava pessoas, às vezes despistava quando o paravam para dizer algo que o segurava tempo demais, às vezes se distraía, às vezes meninos e meninas pediam para subir na bicicleta, iam com ele um pouco e saltavam mais adiante. Bruno continuava seu percurso, rumo ao pico, no alto da montanha. Havia percorrido esse caminho várias vezes, mas sempre havia alguma coisa que le não tinha visto antes.

Todo dia, quando estava quase chegando no alto, acabava a energia, faltava-lhe ar, a garganta secava. A bicicleta bambeava, os pedais endureciam, o corpo arrefecia. Insistia, como se teimasse em subir na contramão por uma escada rolante que desce. Os dois, Bruno e a bicicleta, subiam, mas eram impelidos a refazer todo o trajeto de trás pra frente. E desciam. Terminavam no início da jornada, ao pé da montanha.

Bruno recomeçava. Montava na bicicleta, subia pelo caminho já conhecido, encontrava as mesmas casinhas e sítios e pessoas, levava algumas delas na garupa por um pequeno trecho, meninos e meninas que deixavam logo a bicicleta. Ele nem notava e continuava a subir. Quase lá em cima, perdia o fôlego e era novamente arrastado junto com a bicicleta para o pé do morro, por mais que insistisse em subir. Lá embaixo, tomava fôlego e subia de novo. Já bem no alto, via que nunca chegava, não aguentava de cansaço e largava a bicicleta, que descia morro abaixo, assim como ele. Mais uma vez, insistia e subia, mas, perto do cume, era novamente arrastado ao início do trajeto, ao rés-do-chão, de onde reiniciava a jornada, junto com a bicicleta. Afeiçãoara-se, de certa forma, a essa rotina: subir bem alto e cair. Apenas para tornar a subir e cair novamente.

Um dia, subindo a montanha, Bruno encontrou uma menina. Ela acenou, ele parou a bicicleta perto dela, na beira da estrada. Ela pediu fogo, ele acendeu. Que sorriso! O tempo congelou por um segundo. A menina ia quase sumindo na estrada, “espera”, ele chamou. Ofereceu-lhe carona ao cume da montanha. Ela sentou na bicicleta, as duas pernas pendendo para o mesmo lado, um braço estendido para o alto, o cigarro queimando entre os dedos. O outro braço se enroscava firme na cintura de Bruno. Eram muitos buracos e desvios até chegarem no alto.

O tempo passou mais rápido, as casas, as pessoas, nada disso importava. Nem a paisagem Bruno notava, tudo parecia em branco e preto. Dessa vez, chegaria ao cume e fim de papo.

Então, quando estava quase chegando ao destino, faltou-lhe energia, a garganta secou. A bicicleta bambeou, os pedais travaram. Carregar a menina na bicicleta com ele até o cume da montanha era muito pesado. Tombaram morro abaixo. Bruno foi lançado longe, caiu estatelado no chão, na base da montanha. A bicicleta também despencou. Bruno desmaiou. Quando acordou, já estava escuro, sua cabeça latejava, a mão doía – estava quebrada. Quis pedir ajuda, mas não viu ninguém por perto. A menina havia desaparecido. Bruno levantou devagar, apoiando-se no outro braço. Sacudiu a poeira da roupa. A bicicleta estava tombada não longe dali; torta, mas inteira. Bruno pensou em subir na bicicleta e sair pedalando, dar a volta por cima da montanha e chegar rápido do outro lado, agora por uma via mais curta.

Da menina, ninguém nunca mais teve notícia.”

Comentários finais

A história de Bruno é misteriosa. Um Sisifo menino apaixonado. Há um tom de fábula, porém sem julgamento moral. Quando li o conto para o Bruno “real”, ele ficou estático, os olhos cheios d’água. De fato, ele era um moço jovem, menino ainda, que veio da região ao norte do Brasil para estudar em São Paulo. Enfrentava, como tantos que chegam de fora, o afastamento dos familiares e amigos, a adaptação em uma nova região, com novo clima, novos costumes. “Quando ouço pessoas com o acento do português falado no norte do Brasil, fico até mais contente!”, disse ele, enquanto relatava as dificuldades e a impotência que sentia durante os atendimentos no serviço de emergência psiquiátrica. E também as experiências de encontros e desencontros amorosos.

Entendo que a escrita desse conto e sua leitura para Bruno e para o grupo exemplificam uma das funções importantes da minha escrita: revelar e tecer laços afetivos que são “costurados” em um movimento em espiral junto com o grupo.

Freud diz que o sonho é um pensamento, assim como o “sonho acordado” ou devaneio. São pensamentos soltos, que operam livres da censura e das obrigações impostas pela vida de vigília. Assemelham-se aos sonhos e aos devaneios, a fantasia da criança e o trabalho de criação do escritor. Eles todos são descritos como processos primários do pensamento, ligados à descarga da pulsão inconsciente, sem mediação do recalque. Na verdade, o recalque é por um momento suspenso, permitindo o desligamento entre a pulsão e o afeto, entre a pulsão e seu representante, processo que é seguido por uma religação daquela pulsão com outro afeto, outra representação. Operam aqui Eros e a pulsão de morte, em um movimento que promove a atividade psíquica com a liberdade necessária para o surgimento e a elaboração de novas ideias e de transformações.

Outros encontros foram vividos, outros contos foram escritos e lidos. Aos poucos, a criação ficcional auxiliou de criação de uma demarcação da identidade grupal.

Dia desses, subi as escadas do Centro de Atendimento para atender um paciente. Entre um lance de degraus e outro, avancei um pouco pelo pavimento do meio em direção à grande janela que abarca toda a parede, onde recostei para olhar o jardim. Vi, então, o grupo de residentes reunido na pausa para o café, conversando, rindo, ouvindo música. Entre eles, Bruno descansava deitado sobre o banco, a cabeça apoiada na mochila, as mãos tampando os olhos. “Missão cumprida!”, pensei.

Bibliografia

- André Green, “Le concept de limite (1976)”, in *La folie privée: psychanalyse des cas-limites*, Paris: Gallimard, 1990.
- José Miguel Wisnik, “Rasga o coração”, artigo publicado no jornal *A Folha de São Paulo* em 13/02/2022.
- Mario de Andrade, poema “As Enfibraturas do Ipiranga (1922)”. In: *Pauliceia Desvairada. Ciranda Cultural: Jandira*, 2016.
- Sigmund Freud, “O escritor e a fantasia (1908)”. In *Freud (1906-1909) – O Delírio e os Sonhos na Gradiva e Outros Textos*. Trad: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

